

PIANO EXPANDIDO: UMA PROPOSTA MUSICOTERAPÊUTICA

Expanded piano: a music therapeutic proposal

*Bruna Kaiser Wasem*¹⁰ UNESPAR/FAP / *Rosemyriam Cunha*¹¹ UNESPAR/FAP

30

RESUMO - A presente pesquisa se propôs a estudar e explorar a utilização do piano expandido no contexto musicoterapêutico. Para isso foram revisados artigos e textos que continham como tema o piano expandido no Brasil, a organologia, assim como textos referentes à Musicoterapia. Para a construção dos dados foram realizadas, gravadas e descritas em diário de campo, vivências da exploração sonora do piano expandido com dois participantes em atendimentos de musicoterapia e entrevista com uma instrumentista conhecedora das técnicas expandidas para o piano. Ao participar da proposta, os participantes se tornaram agentes que transformam os materiais disponíveis em ferramentas para a criação de experiências musicais autênticas. Essa exploração permitiu que os sujeitos da pesquisa se expressassem de maneira inovadora, com a descoberta de variadas possibilidades timbrísticas do piano.

Palavras-chave: Piano expandido, Vivência, Exploração sonora, Musicoterapia.

ABSTRACT - This research aimed to study and describe the use of the expanded piano in the music therapeutic context. The review of literature included articles and texts about the uses of the expanded piano in Brazil, themes related to organology, as well as texts about Music Therapy. For data construction, the two 'participants' experiences with the expanded piano were tape recorded and described in a field diary. In addition, an interview with a musician versed in techniques for expanded piano was considered in the article. A thematic analysis showed that playing on the expanded piano with the objects that were available in the setting allowed participants to create authentic musical experiences. The participants also expressed themselves in different ways while discovering the timbre variety of the expanded piano.

Keywords: Expanded piano. Experience. Sound exploitation. Music Therapy.

¹⁰ Licenciada em Música pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP), Bacharel em Musicoterapia pela Faculdade de Artes do Paraná, turma 2012. bruna_wasem@hotmail.com

¹¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná, professora no curso de Musicoterapia da Faculdade de Artes do Paraná, líder e pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia. rose05@uol.com.br

INTRODUÇÃO

Durante muito tempo o piano foi considerado um instrumento representativo de alto status social. Poucas eram as famílias que podiam ter acesso a esse instrumento. Cerqueira (2010) expressa o envolvimento de questões sociológicas, culturais e comerciais com influência direta sobre a vivência de um pianista. Isso porque essa profissão sempre teve estreita relação com as oportunidades de acesso a esse instrumento. Um exemplo que ilustra bem essa questão é a presença do piano em muitas casas de famílias de classe média da Europa do séc. XIX. A música doméstica era produzida nos lares por amadores e principalmente em torno do piano.

Ao acompanhar o processo de globalização e desenvolvimento histórico da humanidade no decorrer dos anos, foi possível perceber a popularidade que o piano alcançou a ponto de se tornar um dos instrumentos musicais mais conhecidos e conquistar seu espaço na cultura ocidental.

A partir do século XIX, com a invenção das máquinas e advento da música eletrônica, compositores passaram a explorar novas formas de tocar instrumentos tradicionais como o piano. A busca por novas sonoridades impulsionou experimentações e descobertas de compositores como Henry Cowell, John Cage e George Crumb - compositores norte-americanos de grande representatividade para a música contemporânea (CASTRO, 2007). As principais inovações obtidas por eles resultaram no que hoje chamamos de piano expandido e piano preparado.

O *piano expandido* surge como uma das alternativas de se tocar o instrumento de forma não convencional com a utilização de diversas formas de produzir som, sejam estas pela manipulação direta das cordas (com as mãos, baquetas, outros objetos) ou ainda percutindo a madeira. O compositor John Cage propôs a inserção de objetos como borrachas e parafusos entre as cordas do instrumento, culminando na criação do *piano preparado*. “O termo preparação sugere que o instrumentista precisará de algum tempo, às vezes horas, antes da *performance* para preparar o piano com a fixação dos objetos entre as cordas” (CASTRO, 2007, p. 08).

O grupo *PianOrquestra* (<http://www.pianorquestra.com.br>) é um exemplo de conjunto que faz uso do piano expandido na música brasileira. Criado pelo pianista Cláudio Dauelsberg em 2002, o grupo utiliza inúmeros *acessórios* na execução

musical. Esses acessórios correspondem a objetos utilizados na exploração dos diferentes timbres extraídos do piano expandido.

O interesse pelo tema surgiu após a participação em uma oficina de ensino de piano para crianças, ministrada em 2010 por Margareth Milani e Vivian Siedlecki na Escola de Música e Belas Artes do Paraná - EMBAP. Uma das propostas dessa oficina consistia na apresentação do piano para o aluno com a caixa acústica aberta, ou seja, sem o tampo. Deste modo, o instrumento poderia ser visualizado pelo aluno na íntegra, com seus mecanismos de funcionamento, incluindo a manipulação de toda sua extensão como o teclado, as cordas e a caixa acústica. Como pianista e estudante de musicoterapia, a curiosidade em conhecer mais sobre o piano expandido levou também à reflexão sobre as possíveis inserções do mesmo na prática da musicoterapia.

REVISÃO DE LITERATURA

Revisando a literatura existente no Brasil sobre o piano expandido, foram encontrados dois trabalhos relacionados com o tema em questão. *O piano expandido no século XX nas obras para piano preparado de John Cage* foi a dissertação de mestrado defendida por Costa (2004). Através do estudo da obra composta pelo compositor John Cage, o autor, Valério Fiel da Costa, mestre e doutor em Música, procurou mostrar as implicações sonoras de se fixar objetos entre as cordas do piano.

O piano expandido na Música Brasileira foi a dissertação de mestrado escrita por Castro (2007). Claudia Castelo Branco Castro é pianista, compositora e arranjadora. Nesse trabalho, a autora estudou a utilização do piano expandido na música brasileira no período entre 1955 e 2006. Seu objetivo foi reunir obras significativas, compositores, materiais utilizados no piano preparado no Brasil e descrever as semelhanças e diferenças entre a obra nacional e a norte-americana.

No processo de busca por fontes que fundamentassem este trabalho, foi encontrado um texto que inspirou um dos tópicos do artigo, referente à organologia dos instrumentos musicais. *Vislumbrando uma Organologia da Música Brasileira* é o trabalho escrito pela professora e pesquisadora Alice Lumi Satomi, e apresenta uma proposta de classificação que envolve a forma de tocar, o formato do instrumento, seus componentes, o material de que é feito entre outras peculiaridades.

Algumas discussões interessantes e pertinentes à presente pesquisa foram encontradas em *A controvérsia Êmico-Ético na Etnomusicologia*, do músico e antropólogo boliviano Bernardo Rozo L. Nesse texto o autor questiona o pesquisador que realiza trabalho de campo e se coloca em posição de observador do sujeito. Também coloca em debate a distinção êmico-ético, sendo que o termo *êmico* corresponde aos usos da música e *ético*, às funções da música.

Com relação ao contexto musicoterapêutico, foco deste trabalho, evidenciou-se a necessidade de destacar aspectos da utilização de instrumentos musicais nesse ambiente. A literatura de Rolando Benenzon, precursor da musicoterapia no Brasil e América Latina, foi utilizada, aqui, como uma das referências para fundamentar e discutir o uso do piano em musicoterapia.

Outra fonte utilizada para a fundamentação desta pesquisa e que alude ao contexto musicoterapêutico foi o artigo *Musicoterapia: a música como espaço-tempo relacional entre o sujeito e suas realidades*, artigo escrito por Lydio Roberto Silva (2010) e incluído na revista NEPIM. Baseado em pesquisa bibliográfica e na sua própria experiência musicoterapêutica e artístico-musical, o autor recorre às ideias estético-musicais de Koellreutter e discute aspectos da dimensão espaço-tempo na realidade humana a fim de complementar o discurso numa visão musicoterapêutica.

A pesquisa sobre o piano expandido ainda é escassa e não existem muitas publicações sobre o assunto no Brasil. Essa pesquisa busca oportunizar a desmistificação do piano no contexto musicoterapêutico. O principal questionamento a ser respondido no decorrer deste trabalho envolve os usos que o participante e o musicoterapeuta podem fazer do piano expandido no ambiente musicoterapêutico.

ORGANOLOGIA

A organologia é definida como “a perspectiva sociológica do instrumento, do instrumentista e seu contexto” (SATOMI, 2008), o que significa considerar questões do próprio sujeito em sua prática musical. Os instrumentos musicais são classificados de acordo com a organologia conhecida também como a “ciência que compreende não apenas a sua classificação, mas sim o seu entorno espacial, temporal e humano” (SATOMI, 2008, p. 1). Um dos principais aportes da classificação do instrumento conforme sua forma de produzir som é a possibilidade de organizar e distribuir os

instrumentos segundo a prática musical. A seguinte citação aponta para uma melhor descrição sobre o que consiste essa ação:

No processo de classificação, busca-se encaixar os dados musicais – a forma de tocar, o formato, os componentes e suas peculiaridades, o material e outras peculiaridades de cada instrumento – e os contextuais – a identidade da comunidade, as nomenclaturas êmicas e éticas e a manifestação ou ritual, onde seja utilizado o instrumento – anotados no quadro organológico, aproveitando os subitens utilizáveis dos modelos mencionados, ou eliminando aqueles onde não se enquadram nos exemplares brasileiros (SATOMI, 2008, p. 3).

Ao escrever sobre as nomenclaturas êmicas e éticas como dados contextuais para a classificação dos instrumentos musicais, a autora nos remete a outros campos do conhecimento: Antropologia e Etnomusicologia. Conforme o músico e antropólogo boliviano Bernardo Roza (2006), para a etnomusicologia o termo “êmico” refere-se à atenção sobre os usos da música, onde a transcrição é auditiva e prescritiva. Já o termo “ético” diz respeito à atenção sobre as funções da música, sendo sua transcrição automática e descritiva. Os dois termos são antagônicos e ao mesmo tempo complementares para essa pesquisa. Segundo o autor, como categorias, eles englobam a identidade daquele que produz música, estando a mesma “conformada por uma rede complexa de qualidades, desde que existe, de forma simultânea, um pertencimento a comunidades diversas, em contextos diversos” (ROZO, 2006).

Com relação ao *setting* musicoterapêutico, Benenzon (1998) apresenta uma classificação de um Grupo Operativo Instrumental para a musicoterapia, defendendo a ideia de que os instrumentos incluídos no mesmo devem reunir características específicas. Segundo ele, o instrumento deve ser construído preferencialmente com materiais naturais, ser de fácil manipulação, apresentar emissão de sonoridades diversas, possibilitar o deslocamento livre com o simples acionar de qualquer parte do corpo do instrumento, favorecer relações com outros instrumentos e que seu uso estimule a comunicação. Para Benenzon o piano é um instrumento que reúne apenas algumas dessas características, sendo o seu uso evitado. Mais adiante, o próprio Benenzon reconhece o valor do piano e diz que não considera inadequado seu uso, mas que deve se conhecer as virtudes e limitações do instrumento.

De acordo com a organologia e com os autores citados, o piano pode ser classificado como instrumento de cordas, percussão e teclado. Quando um piano toca,

toda a estrutura de madeira vibra e ressoa de maneira solidária aos sons produzidos pelas cordas. A diversidade de materiais e componentes desse instrumento permite que o mesmo envolva variadas possibilidades timbrísticas.

Este trabalho coloca em debate argumentos como os apresentados anteriormente por Benenson, afinal, discute formas de uso não convencionais do piano. A partir da classificação e estudo mais aprofundado do piano expandido, é possível concluir que há sim a possibilidade de interação por várias pessoas tocando o mesmo instrumento; assim como há a possibilidade que o sujeito o explore não apenas sentado na banqueta em frente ao teclado (como é o modo convencional), mas que ande em volta de sua cauda, toque em pé, sentado, abaixado.

Além dos conceitos até agora discutidos, a noção de espaço e tempo é de grande importância para a Musicoterapia, pois “o espaço é vivenciado de forma fenomenológica da corporeidade, na sua presença e movimentação, na presença do símbolo e do ser” (ESMANHOTO, 2002, p. 28). Isso implica em uma interação sujeito-ambiente que produz formas de viver, pensar e agir, o que pode ser definido como cultura. Tudo isso ocorre dentro de um espaço de tempo. Em um estudo sobre a música, o sujeito e suas realidades, Silva (2010, p.32) supõe a seguinte ideia: “o tempo musical (percebido ou executado) deriva de um tempo mental que está intimamente ligado a um tempo biológico, sendo este último organizado numa convenção maior que é o tempo cronológico”. Assim sendo, cada indivíduo vivencia o tempo de forma particular e de acordo com suas próprias concepções.

O objetivo desse trabalho foi o de instigar novas reflexões acerca da inclusão do piano no ambiente musicoterapêutico, já que ele apresenta tanta riqueza de sonoridades e possibilidades de expressão musical. Conforme afirmação de Benenson (1998) “O instrumento, em musicoterapia, constitui um todo. Cada uma de suas partes terá importância para a comunicação. Sua textura, sua temperatura, sua forma, sua cor, sua sonoridade, a qualidade dos elementos e materiais que o conformam” (p. 21).

CAMINHOS METODOLÓGICOS

A metodologia deste trabalho se caracterizou por ser de cunho qualitativo, descritivo e experimental. A pesquisa partiu de uma revisão de literatura em artigos referentes ao piano expandido encontrados em fontes brasileiras. Também houve a

busca por textos e livros do campo da Musicoterapia que abordam o uso de instrumentos musicais e fundamentam o tema escolhido.

Após ser aprovada em um comitê de ética sob inscrição CAAE de nº. 02744612.1.0000.0094, a pesquisa foi realizada em duas etapas: 1) Experimentação e exploração sonora do piano expandido; e 2) Entrevista com instrumentista. A experimentação se deu por meio de oito vivências de exploração sonora do piano com duração de 40 minutos cada uma. Participaram na construção dos dados, um homem adulto e uma jovem, denominados aqui por F. e M.

Os participantes convidados já estavam em atendimento musicoterapêutico com a autora da pesquisa, fato que facilitou a interação com o instrumento em estudo. As vivências foram observadas pela pesquisadora, registradas por meio de áudio, diário de campo e depois transcritas. Os participantes assinaram um termo de consentimento autorizando a gravação da produção musical.

Para a realização das vivências foram escolhidos alguns materiais para a exploração sonora do piano expandido: palhetas de guitarra, E.V.A., baquetas de bateria e xilofone, papel de presente, pincel de cozinha, luvas de tecido e de borracha, tecido de TNT (feltro), palitos de madeira e cartão (tipo de crédito). A escolha dos materiais foi feita levando-se em consideração a leitura dos trabalhos que serviram de base para esta pesquisa. Nem todos os acessórios utilizados corresponderam a materiais musicais. São materiais alternativos em sua maioria, de fácil acesso e baixo custo, não havendo limites para a criatividade na escolha dos mesmos.

A pesquisadora optou pela seleção de alguns critérios na montagem do *setting* musicoterapêutico - espaço para a realização das vivências. Os participantes já vinham sendo atendidos numa sala específica para a realização da musicoterapia em um ambiente acadêmico, onde havia um piano vertical e outros instrumentos musicais a disposição dos participantes. Como a proposta desta pesquisa envolvia o uso de um piano de cauda, foi necessária uma mudança de espaço físico de forma a ofertar o instrumento durante as vivências. Para não intervir de forma negativa no processo musicoterapêutico de ambos, realizou-se uma montagem estratégica de outro espaço, de modo a deixá-lo o mais parecido possível com a sala anterior. Por esse motivo, foram colocados os seguintes materiais e instrumentos nesse espaço: tapetes de E.V.A., um metalofone, um xilofone e uma timba. Além disso, uma mesa com os acessórios ficou posicionada próxima ao piano, de modo a possibilitar a escolha e troca dos materiais usados durante a exploração sonora (FIG. 1).



FIG 1 - Setting musicoterapêutico: proposta com o piano expandido

No decorrer das vivências, as principais intervenções musicais realizadas pela pesquisadora foram: uso do pedal, *glissandos* nas cordas, inserção de acessórios sob as cordas (E.V.A. e papel de presente); uso de luvas para abafar as cordas com as mãos; percussão na madeira do instrumento; dedilhado no teclado com motivos melódicos; toque com palheta nas cordas da região aguda, além de sons corporais como forma de interagir com os participantes, que ficaram livres para explorar o instrumento da maneira que quisessem. As intervenções, portanto, foram feitas com o objetivo de apoiar a expressão de cada um deles.

Além das estratégias metodológicas já descritas, realizou-se via internet, uma entrevista estruturada com Cláudia Castelo Branco Castro, instrumentista conhecedora das técnicas expandidas para o piano. As perguntas foram as seguintes: Conte alguns detalhes sobre sua experiência com o piano expandido; Quais as especificidades desse tipo de *performance*; Como são escolhidos os materiais a serem utilizados no piano expandido e como são empregados; Conte como você vê essa possibilidade de uso do instrumento e se possível, como ela poderia ser difundida.

Após as etapas de observação da exploração sonora do piano expandido pelos participantes e a obtenção da entrevista, foi realizada uma análise e categorização das manifestações musicais e corporais dos participantes, partindo da escuta de todas as gravações feitas e das anotações do diário de campo. A descrição detalhada das vivências foi feita sob a perspectiva da organologia. Como último passo, realizou-se uma articulação das manifestações dos participantes com os dados bibliográficos, de modo a constituir o corpo do artigo. A entrevista não foi anexada na

Íntegra ao artigo, mas contribuiu para o estudo e reflexão das vivências com o piano expandido.

APRESENTAÇÃO E DESCRIÇÃO DOS DADOS

Na primeira vivência da proposta com o piano expandido, os recursos mais utilizados pelo participante F. foram: baquetas e cartão para percutir as cordas do piano e madeira; *clusters* no teclado e *glissandos* nas cordas do instrumento. Foi possível observar a ocorrência de diálogos musicais, presença de dissonâncias, ostinatos rítmicos e um grande volume e intensidade de sons produzidos. Já a participante M. utilizou as baquetas para percutir as cordas, cartão e tampa de caneta para pinçá-las, produziu *glissandos* nas cordas e no teclado do piano. Em sua exploração, houve predomínio de uso da região grave do piano, variação da intensidade dos sons (suave e forte), além de ter usado a timba e o xilofone durante a vivência. Ambos não dedilharam as cordas diretamente com as mãos nesse primeiro contato com a proposta.

Na segunda vivência, F. utilizou novos recursos: além de usar as baquetas para percutir as cordas, percutiu os martelos e a parte metálica do piano. Dedilhou uma melodia com acordes no teclado e também usou palheta e pincel para extrair som das cordas. Os ostinatos rítmicos estiveram novamente presentes. M. usou os mesmos acessórios do primeiro dia, mas incluiu a palheta. Tocou durante vinte minutos o metalofone e o xilofone disponíveis na sala, retornando em seguida para o piano. Uma característica bastante singular dessa vivência foi a criação de diálogos melódicos entre o piano expandido e o metalofone. Ambos os participantes usaram de força na intensidade do toque, sendo que M. tocou *glissandos* mais agressivos e súbitos em determinados momentos de sua improvisação.

Na terceira vivência de F., foram utilizados os seguintes recursos, “inéditos” até o momento: papel sob as cordas e o material de E.V.A. para produzir *glissandos* nas cordas. Principais características: produção sonora intensa e quase ininterrupta; predomínio do toque na região média e grave do piano; F. permaneceu sentado por quase toda a vivência. M. faltou nesse dia, mas sua terceira vivência com o piano expandido (realizada na semana seguinte) se caracterizou basicamente pela utilização das baquetas para percutir as cordas e *glissandos* nas cordas e teclas. Dessa vez M. também fez uso da manipulação direta das cordas, dedilhando-as com as mãos e

mais especificamente com o pinçar de dedos e unhas. M. incluiu novamente a timba, o xilofone e o metalofone em sua experimentação sonora.

Na quarta e última vivência com o piano expandido, os recursos sonoros mais utilizados pelo participante F. foram: percussão com baquetas nas cordas, madeira e martelos do instrumento; *glissandos* com o palito de madeira e dedilhado no teclado. Células rítmicas variadas, diferentes intensidades no toque, notas tocadas harmonicamente e *clusters*, também puderam ser observados. A última vivência de M. aconteceu na semana seguinte à de F. e foi utilizado um piano vertical, devido à falta de disponibilidade da sala com piano de cauda no horário estabelecido. M. tocou no teclado, na madeira, nas cordas (com uso dos acessórios) e também abafou as cordas com as mãos. Iniciou abaixada, tocando as cordas graves com a baqueta. Seu toque mais recorrente nesse último encontro foi o uso de *glissandos*.

Conforme análise das vivências, de um modo geral os elementos mais recorrentes nesse processo foram: uso de baquetas para percutir as cordas do piano e o uso de *glissandos*, tanto no teclado quanto nas cordas. A região média e grave do piano foi a mais utilizada. Observou-se aqui uma preferência por estes materiais, ficando implícita uma apreciação do resultado sonoro obtido.

As manifestações corporais e musicais observadas (Quadro 1) apontaram para uma verdadeira mobilização física, cognitiva e afetiva dos indivíduos no decorrer das vivências. Dentre as manifestações corporais, estiveram presentes no processo: alterações na expressão facial dos participantes, o ato de caminhar em volta do piano, tocar em pé, sentado e abaixado; e o uso de gestos amplos e contidos. As manifestações musicais incluíram: dedilhado no teclado e nas cordas, percussão com baquetas (nas cordas e madeira), uso de *clusters* e *glissandos*, a presença de ritmos recorrentes e a criação de motivos melódicos e *ostinatos*.

CLASSIFICAÇÃO DAS MANIFESTAÇÕES OBSERVADAS	
Manifestações corporais	Manifestações musicais
Tocar em pé	Dedilhar o teclado
Tocar sentado	Dedilhar as cordas com as mãos
Tocar abaixado	Pinçar as cordas com palhetas
Caminhar	Percutir as cordas com baquetas
Gestos amplos	Percutir a madeira
Gestos contidos	<i>Clusters</i>
	<i>Glissandos</i>

Alteração da expressão facial	Motivos melódicos
	Ritmos recorrentes
	Ostinatos
Abafar as cordas com as mãos e antebraço	
Accionar o pedal com os pés (<i>tre corde</i>)	

Quadro 1

A interação sonora resultante das vivências de exploração sonora ilustrou bem a complexidade do processo, onde puderam ser observados aspectos de música contemporânea: busca por novas sonoridades, uso crescente de dissonâncias, alternância entre organização harmônica e ruídos, retorno ao pulso e à repetição. Conforme entrevista cedida por Cláudia Castelo Branco Castro:

Essa possibilidade de uso do instrumento amplia o universo sonoro, assim como em outras artes já se busca outros materiais, outras fontes e tecnologias. O uso do piano expandido é natural ao período que estamos vivendo, onde há procura intensa de diferentes meios de expressão e de renovação. (CASTRO, 2012)

A conjuntura da prática musical é apresentada por Bruscia (2000) de forma um tanto singular, pois esse autor defende o contexto para a experiência sonora da musicoterapia como um contexto estético, sendo a musicoterapia “motivada pela busca da beleza e do sentido que a beleza traz para a vida através da música”. Escutar e criar música constitui, portanto, um recurso terapêutico que possibilita ao participante “experimentar a beleza e o sentido da vida, e ao longo do processo, aprender a trabalhar os problemas e desafios que são parte integrante da experiência da vida” (BRUSCIA, 2000, p. 46).

REFLEXÕES FINAIS

Ao estabelecer contato com a proposta do piano expandido, os participantes da musicoterapia tiveram a oportunidade de se tornar agentes que transformam os materiais musicais e criam experiências musicais autênticas. Os sujeitos da pesquisa, incluindo a pesquisadora puderam se utilizar de diferentes *acessórios* para a criação musical, com uso da criatividade ao explorar as variadas possibilidades do piano.

Outra característica importante de ser salientada nessa proposta é o desafio de desmistificar o piano e torná-lo mais acessível em termos de produção musical. Os participantes exploraram o instrumento de diferentes formas, usaram o próprio corpo, visualizaram mecanismos internos do piano, experimentaram utilizar diferentes acessórios e obtiveram novos timbres e sonoridades, chegando-se a conclusão de que é possível sim criar e improvisar com esse instrumento, mesmo sem ter o conhecimento e total domínio técnico do mesmo.

Como pesquisadora, pude observar que a transformação do ambiente musicoterapêutico em um novo espaço, foi fundamental para o desenvolvimento da proposta, tornado-a mais atrativa aos participantes que exploraram o piano expandido. O planejamento do tempo para cada exploração sonora também foi importante: F. e M. entraram em contato com o próprio tempo musical, mental, biológico e cronológico, expressando essas relações em sua produção sonora e musical.

Pode-se dizer que ambos os participantes tiveram disponibilidade e envolvimento necessários para que a proposta se concretizasse. Além disso, a criação e combinação de sons diferentes extraídos de um único instrumento, assim como a integração das manifestações corporais e musicais apontam para uma real complexidade de processos mentais, cognitivos e afetivos presentes em uma prática criativa como a proposta por este trabalho.

As implicações do piano expandido para o campo da Musicoterapia são inúmeras, desde a desmistificação do instrumento até sua inserção no *setting* musicoterapêutico. Como pesquisa exploratória, este trabalho visa instigar outros musicoterapeutas e estudantes de musicoterapia a explorar o piano expandido e investigar novas formas de expandir as sonoridades do instrumento, oferecendo aos sujeitos atendidos uma experiência musical criativa e inovadora.

REFERÊNCIAS

BENENZON, Rolando O. **La nueva musicoterapia**. Buenos Aires: Lumen, 1998.

BRUSCIA, Kenneth E. **Definindo Musicoterapia**. Tradução de Mariza Velloso Fernandez Conde. 2 ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.

CASTRO, Cláudia Castelo Branco. **O piano expandido na música brasileira**. 2007. Dissertação (Mestrado em Música) – Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

_____. Entrevista concedida à pesquisadora. 05 ago. 2012

CERQUEIRA, Daniel Lemos. Perspectivas profissionais dos bacharéis em piano. In: **Revista eletrônica de musicologia**. Vol. XIII – Janeiro de 2010. Disponível em: <http://www.rem.ufpr.br/_REM/REMV13/06/perspectivas_bachareis_piano.htm> Acesso em: 06 abr. 2012.

COSTA, Valério Fiel da. **O Piano Expandido no Século XX nas obras para piano preparado de John Cage**. 2004. Dissertação (Mestrado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas.

42

ESMANHOTO, Angelo. **A dimensão espacial do som**. Curitiba, 2002.

ROZO L., Bernardo. A controvérsia Êmico-Ético na Etnomusicologia In: **Ético e Êmico, Insiders e Outsiders, Nós e Eles...**[28 ago. 2006] Disponível em: <<http://etnomusicologia.wetpaint.com/page/1.1.%C3%89tico+e+%C3%8Amico%2C+Insiders+e+Outsiders%2C+N%C3%B3s+e+Eles...>> Acesso em: 27 ago. 2012.

SATOMI, Alice Lumi. **Vislumbrando uma Organologia da Música Brasileira**. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/conhecimentoemdebate/arquivos/279-20102008195943-organologia_para_CCHLA.pdf> Acesso em: 07 set. 2012.

SILVA, Lydio Roberto. Musicoterapia: a música como espaço-tempo relacional entre o sujeito e suas realidades. In.: **Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia**, Curitiba v.1, p. 27- 37, 2010.

Recebido em: 11/01/2013
Aprovado em: 30/04/2013

MUSICOTERAPIA